

Geração espontânea

por Rodolfo Benazzi

Não há mistério algum na criação. Ela é eterna, é infinita. Existiu desde sempre. A terra vive e contém em si os germes da vida vegetal e da vida animal. A metamorfose dos três reinos é evidente. De uma folha, de uma planta, de um pedaço de carne pútrida, de qualquer imundície ou detrito, nascem vermes, isto é, a vida, dos quais alguns se transformam em mariposas multicolores, formosíssimas. As plantas se transformam de um clima para outro, modificam-se, e, com a enxertia, mudam por completo. Os próprios minerais se transformam. O ouro, o diamante, a prata, o ferro, o cobre, as pedras preciosas condensam as modificações milenárias operadas no seio da terra. A metamorfose é completa, não admite dúvidas. Tudo é vida, nada morre. Porque, pois, dar ao homem uma origem divina ou diferente da dos três reinos da natureza? Como animal, tem estado e há de estar sujeito a todas as transformações dos seres da vida animal. A sua origem é espontânea como qualquer das três vidas animal, vegetal e mineral.

Desde o momento em que o nada não existe, que o nada é um absurdo, necessário se torna admitir um *quid*. Este *quid* é a criação. Logo a criação é espontânea; existiu desde sempre. A terra, como criação espontânea, contém em si os germes produtores dos animais, vegetais e minerais. São produtos espontâneos da terra, que, obedecendo às leis biológicas, se têm transformado e continuarão a transformar-se com o transcorrer dos séculos. Muitos animais antigos desapareceram da face da terra, surgindo novos grupos, antes desconhecidos. Assim, como pelo cruzamento de animais pertencentes a grupos distintos surgiram novas espécies, assim também, pela enxertia de vegetais diferentes, surgiram novos grupos de vegetais. Entretanto, a origem primitiva é espontânea.

Descobertas recentes renovaram a velha questão da geração espontânea, despertando dúvidas sobre as teorias geralmente aceites. Como última palavra neste assunto, figura o surpreendente estudo do dr. Carlos W. Littlefield que a seguir transcrevemos e que, a ser exacto, modificaria por completo as hipóteses de Huxley, de Darwin, de Tyndall, de Haeckel.

Deixemos a palavra ao ilustre escritor que tenta resolver este árduo problema da origem da vida:

«Cabe-me apresentar uma solução para o problema da origem da vida, neste planeta de formas inorgânicas. Não peço que o leitor aceite ou apoie desde já o que manifesto, e esperarei plácidamente o que se resolver acerca da correção das minhas conclusões, plenamente justificadas por uma atenta investigação».

«As minhas razões para declarar que a vida se produz pelas experiências expostas neste artigo, são as seguintes: quaisquer que sejam a natureza e a fonte do princípio vital, nós só

Geração espontânea

(Continuação da 3.ª página)

podemos conhecê-lo enquanto se manifesta por intermédio da matéria; essas manifestações se observam primeiro na constituição de formas organizadas que procedem de compostos químicos não organizados, e, em segundo lugar na produção de movimentos espontâneos nas referidas formas organizadas».

«Estas duas classes de fenómenos vitais compreendem toda a manifestação da força vital, e onde quer que se observe, está em acção, o princípio da vida. Se pensarmos na reprodução, estamos caídos no caso do primeiro processo, isto é, na constituição de formas organizadas procedentes de compostos químicos não organizados. Os progenitores são somente os agentes que reúnem os compostos químicos no meio apropriado onde o princípio vital pode construir o organismo. Se pensarmos na assimilação nutritiva, nesse caso está-se repetindo o primeiro processo num organismo «já formado».

«Quanto às segundas manifestações da vida, ou sejam os movimentos espontâneos, temos, em primeiro termo, o poder de mudar a atitude ou a posição física por um impulso que nasce dentro do próprio organismo, que pode ser excitado por estímulos externos ou por um desejo interno. Em segundo lugar encontramos a recepção e a transmissão de materiais nutritivos para várias partes do organismo, já com o fim da sua própria nutrição, já com o fim de formar a prole.

«Nas minhas experiências, tomo compostos químicos não organizados, isto é, compostos minerais e água, que é também um composto inorgânico, e construo formas vitais sem o auxílio de formas semelhantes de vida anteriormente existentes, que não poderiam dar-se sem a presença nem a acção do princípio vital».

(Continua).

Heroísmo de carácter

(Conclusão da 5.ª página)

Vêde o sábio professor, debatendo-se diariamente com a fome; aproveitado nos seus talentos pelos cínicos que o exploram e lhe mercadejam o saber por uns tristes e regateados escudos, só porque não quer amoldar-se à imoralidade corrente, e pretende cumprir o seu papel de educador, intemeratamente; isto é: em toda a pureza do seu critério pedagógico. E ser-lhe-ia tão fácil ver-se acarinhado, amimado pela hipocrisia social, tido como uma notabilidade digna de ser paga com caudais de ouro! Era só toceer um pouco a sua linha de conduta, falseando a sua missão de professor! Mas é que ele é o herói de carácter, não conhecido, é certo, mas autêntico herói!

Sucumbirá, mas não arripiará caminho!

E tantos outros exemplos deste género, que a sociedade desconhece, ou não quer conhecer.

Por isso eu considero o heroísmo de carácter, como já disse, a pedra de toque onde o avaliador psicólogo pode ajuizar dos quilates da tempera moral do ser humano.

Jose Carlos de Sousa

(Da Educação Social)